

## **Folha de S. Paulo**

**18/5/1984**

### **Fome, uma liderança eficiente**

Existe apenas uma liderança na greve dos apanhadores de laranja de Bebedouro: a fome. E é uma liderança bastante eficiente. Com um sindicato completamente despreparado — ou apesar dele — sem comando, sem ativistas, sem assembléias, sem panfletos ou qualquer outro meio de mobilização, mais de 10 mil bóias-frias pararam de uma hora para outro em todo o município. A colheita só não foi interrompida totalmente porque as indústrias de suco passaram a recrutar outros trabalhadores volantes de cidades vizinhas.

"A gente decidiu parar porque não dá mais para aguentar a fome", afirma Sebastião Carlos Liberatori, 28 anos, três filhos, ex-empregado de uma fábrica de Guarulhos, há três anos trabalhando como colhedor de laranja. Enquanto sua mulher Elenice, com um filho no colo, reclama que não tem nada para cozinhar para o almoço, Sebastião vai contando como começou a greve:

"Não teve nenhuma decisão do Sindicato, que só ficava falando de negociação, enquanto o pessoal das indústrias nem dava bola para os nossos pedidos. Aí, a gente foi falando uns com os outros e resolvemos fazer a greve. E ia ser uma greve pacífica, se a polícia não tivesse começado a bater na gente".

Sebastião e dezenas de outro bóias-frias contam que as indústrias de suco — que comprem as laranjas no pé — estão pagando para colher os mesmos preços do ano passado: de Cr\$ 60 a Cr\$ 100 por caixa de 150 a 200 laranjas, dependendo do arbítrio dos "gatos", que contratam estes trabalhadores ("na conversa", sem carteira assinada, INPS ou qualquer outro direito trabalhista), e também da maior ou menor carga de frutos em cada pomar.

A safra vai de maio — quando começam a ser colhidos os primeiros frutos temporões — até dezembro, quando restam poucas laranjas nas árvores. No auge da colheita, que vai de meados de junho a novembro, um trabalhador consegue apanhar de 50 a 70 caixas por dia. Assim, na melhor das hipóteses — com a melhor média da produção e o melhor pagamento por caixa colhida — um bóia-fria consegue Cr\$ 150 mil mensais, caso consiga trabalhar 25 dias por mês, isso é raro, pois nos dias chuva a colheita é interrompida e o trabalhador perde o dia mesmo que fique todo ele no pomar. Por isso, mesmo no auge da safra, a maioria dos bóias-frias não chega — em média — a ganhar o salário mínimo.

### **Arroz e sal**

"Há muito tempo que a comida da gente é só arroz e sal. Tem dia que nem isso a gente tem", conta Moisés Feliciano da Silva, 43 anos, 10 filhos, morador em um casebre de quarto e cozinha que lhe custa Cr\$ 25 mil de aluguel por mês mais Cr\$ 5 mil de luz e Cr\$ 7 mil de água.

"Feijão é mistura que faz mais de mês que a gente não vê", completa sua mulher, Maria Rosa, de 28 anos, tentando amamentar com seu peito seco o filho menor, Moisézinho, de três meses.

No quintal do casebre mais seis filhos, pequenos e magros, estão quietos. Ficam parados, olhares pasmados, ouvindo essas conversas sobre salário e comida, cujo significado eles só entendem por suas barrigas vazias.

(L.S.R.)

Legenda de foto:

Moisés, ao lado da mulher e 7 dos 10 filhos, come há muito tempo só arroz e sal

**(Página 22 — GERAL)**